

## **VII Congresso Ordinário da CONTEE**

### **ANÁLISE DE CONJUNTURA:**

### **CONSTRUIR A UNIDADE E ENFRENTAR A CRISE**

É numa conjuntura desafiadora para o sindicalismo combativo, marcada pela mais séria crise do sistema capitalista internacional desde a Grande Depressão deflagrada em 1929 nos EUA, que se realiza o VII CONATEE. A crise resulta das contradições inerentes ao processo de produção e reprodução da sociedade capitalista, agravadas ao longo dos anos pelos déficits da economia estadunidense. Nós, trabalhadores, não somos culpados por ela. Mas, somos os que mais padecem dos seus dramáticos efeitos sociais, sendo duramente castigados pelo processo de demissões em massa, promovido, no mais das vezes, de maneira arbitrária pelos capitalistas; pela perda da renda e das habitações; pelo arrocho dos salários; pela redução e flexibilização dos direitos sociais. Em todo o mundo, os trabalhadores se manifestam exigindo, declarando, gritando que “não vamos pagar por esta crise”. Infelizmente, em todo o mundo, o que está acontecendo é que os trabalhadores são justamente os que mais pagam pela crise. Relatórios da ONU estimam que mais de 50 milhões de trabalhadores irão perder seu emprego. A mesma ONU que acaba de admitir a existência de mais de um bilhão de famintos. UM BILHÃO! Isso significa que pelo menos um

sexto da humanidade vive na miséria. Isso é o que o sistema capitalista conseguiu produzir em duzentos anos de história.

A recessão teve início nos Estados Unidos, no final de 2007. Foi de lá exportada, contagiou o resto do planeta e se transformou na crise mais global e sincronizada da história. Ao mesmo tempo em que desperta nas classes trabalhadoras, nas forças progressistas e no sindicalismo a necessidade de lutar por medidas emergenciais em prol do crescimento, em defesa do emprego, da renda e dos direitos, as turbulências que perturbam a economia mundial evidenciam o esgotamento do capitalismo neoliberal e a perversidade da ordem imperialista. Colocam na ordem do dia, por consequência, a luta social e política por sua superação, ou seja, por novos modelos de desenvolvimento nacional, alternativos e antagônicos ao neoliberalismo, orientados na direção do socialismo.

A depressão afeta de forma desigual as nações e continentes. Nos países mais ricos, onde avultam os problemas sociais e os conflitos de classes, os governos, a serviço dos grandes capitalistas, adotam medidas desesperadas e radicais para salvar o sistema. Ignorando cinicamente as receitas neoliberais e a responsabilidade fiscal que advogam para os mais pobres, comprometem trilhões de dólares dos contribuintes em operações de resgate de bancos e grandes empresas, incorrendo em déficits colossais e contraindo futuras crises fiscais. Para os integrantes das classes trabalhadoras, os que mais sofrem, sobram migalhas e muita demagogia, o que desperta justa indignação e revolta popular.

As potências capitalistas também manobram para transferir o custo da crise às economias mais frágeis e dependentes da periferia. É nesse sentido que procuram ressuscitar instituições decadentes e desacreditadas como o FMI e o Banco Mundial, cujas intervenções, feitas a pretexto de socorrer nações endividadadas, continuam voltadas fundamentalmente para o objetivo de viabilizar o pagamento das dívidas externas e evitar maiores prejuízos à banca internacional. As transnacionais intensificaram a transferência de lucros e dividendos às matrizes. E os EUA, certamente, vão financiar com recursos externos ou inflação o crescente rombo nas contas públicas (de quase US\$ 2 trilhões neste ano) que estão produzindo com o intuito de impedir o colapso completo do seu corrompido sistema financeiro.

Observa-se, na América Latina, um crescente movimento de mudanças e de reafirmação da soberania das nações. Ressurge com mais força um processo de integração continental. A América Latina e o Caribe se reuniram por autoconvocação, pela primeira vez, em dezembro de 2008, na Cúpula América Latina Caribe, em Salvador. Criou-se, na ocasião, terreno fértil para se exigir na Cúpula das Américas, de forma uníssona, o fim do nefasto bloqueio norteamericano a Cuba. O povo latinoamericano vem demonstrando sua disposição de lutar por profundas mudanças em seus países e no cenário internacional.

Reagindo a esses avanços, o governo estadunidense articula e desfecha golpes na tentativa de manter sua hegemonia. Repudiável fato aconteceu recentemente em Honduras; as forças reacionárias, apoiadas material e intelectualmente pelos

falcões estadunidenses, arrancaram do poder o governo legitimamente eleito, expulsaram do país seu presidente e assassinam os que opõem resistência à ditadura instalada.

## **GARANTIA DE EMPREGO E CONDIÇÕES DE TRABALHO**

Os Estados capitalistas revelam-se impotentes frente à recessão, que parece indiferente às intervenções governamentais e não cede. A contrapartida lógica da queda da produção no capitalismo é o avanço impiedoso e avassalador do desemprego. Nos EUA, desde setembro de 2008, cerca de 600 mil postos de trabalho são destruídos a cada mês. Em março já existiam mais de 13 milhões de desocupados, número que deve crescer consideravelmente até o final deste ano. Muitos perderam, junto com o emprego, as casas, engrossando a população de sem-teto, que mora nas ruas e no interior dos carros e estacionamentos enquanto milhares de residências, retomadas pelos bancos através de execuções hipotecárias, permanecem vazias e sem compradores. De um lado, há excesso de casas vazias, ociosas e, do outro, cresce a multidão de desabrigados, numa contradição aberrante característica da superprodução capitalista. O governo estadunidense faz um esforço extraordinário e insensato para defender as instituições financeiras, mas lava as mãos diante das injustiças cometidas contra as famílias dos trabalhadores. A Europa segue caminho semelhante; a União Européia é essencialmente uma aliança de caráter monopolista e imperialista, polarizada, sobretudo, pela Alemanha, em que se promovem ataques brutais aos direitos dos trabalhadores e à soberania nacional, onde cobram força as opções militaristas e antidemocráticas.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 50 milhões de trabalhadores e trabalhadoras devem engrossar o exército de desempregados no mundo ao longo deste ano, elevando-o a cerca de 240 milhões. Os imigrantes sofrem proporcionalmente bem mais, já que são vítimas da intolerância, da discriminação capitalista no mercado de trabalho e da xenofobia, realimentada pelas dificuldades econômicas. Submetidos a empregos precários, com jornadas extenuantes, baixos salários e ausência de direitos, encabeçam as listas de demissões em massa. No Japão milhares de brasileiros dekassegus perderam o emprego e foram desalojados, sendo forçados a retornar ao Brasil ou a morar debaixo dos viadutos, merecendo do governo capitalista (que destinou centenas de bilhões de dólares aos bancos e grandes empresas) uma “ajuda” para deixar o país que foi interpretada pelos trabalhadores como uma oferta de deportação, a título de misericórdia.

As classes trabalhadoras, seus representantes e organizações não se limitam a contemplar esses acontecimentos com indiferença. Reagem com maior ou menor vigor nos diferentes países em defesa de seus interesses. Geralmente sob a liderança dos sindicatos e partidos de esquerda, milhões de trabalhadores e trabalhadoras vêm sendo mobilizados em greves, manifestações de rua e ocupação de empresas, nas quais clamam e lutam para que se faça justiça, para que o ônus da crise seja descarregado sobre as costas dos ricos capitalistas, que, afinal, são responsáveis por ela, e que as famílias operárias sejam poupadas de novos e maiores sofrimentos.

Sinais de intensificação das lutas sociais são visíveis em todos os continentes. Cabe destacar a greve geral e passeatas que levaram mais de 3 milhões de franceses às ruas no dia 19 de março; a mobilização de 200 mil em Lisboa (13-3);

o exitoso 1º de Abril - Dia Internacional de Luta pelos Direitos Trabalhistas e Contra a Exploração, convocado pela FSM (Federação Sindical Mundial), marcado por atos públicos e greves em mais de 45 países; o 30 de março no Brasil.

O movimento sindical tem desempenhado um papel de destaque nessas lutas, apesar de suas notórias debilidades. A unidade potencializa sua força, como demonstra o exemplo da França, onde as oito centrais caminharam juntas na greve geral, que, por esta e outras razões, foi apoiada por 79% da população e, pela primeira vez em muitos anos, realizaram-se manifestações unitárias no 1º de Maio, reunindo cerca de 2 milhões de pessoas; bem como o do Brasil, onde a mobilização conjunta das centrais e movimentos sociais envolveu dezenas de milhares em São Paulo e nos demais Estados dia 30-3.

A crise cria a oportunidade de um protagonismo maior das classes trabalhadoras e do sindicalismo nas lutas políticas nacionais, tanto em seus desdobramentos imediatos quanto futuros, na medida em que exige uma mobilização imediata em defesa do emprego e, ao mesmo tempo, coloca em questão as políticas neoliberais, os modelos econômicos hegemônicos e, em perspectiva, o próprio capitalismo, que ainda não esgotou suas possibilidades de reafirmação. Por isso, exige-nos também a luta contínua contra o capital e suas formas de exploração.

O desafio que se coloca para o sindicalismo e as forças políticas identificadas com os interesses das classes trabalhadoras, neste momento, é consolidar e ampliar a unidade alcançada e intensificar a mobilização e as lutas em defesa do emprego, dos salários e dos direitos, interligando-as com a batalha por transformações políticas mais profundas, por um novo projeto de desenvolvimento e pelo socialismo.

## **DESTAQUE SINPRO NORTE**

E agora, em sua crise mais recente – a maior desde 1930 – ameaça com a barbárie os povos do mundo.

E os especuladores que produziram a crise? A estes são garantidas generosas quantias de dinheiro público. Dinheiro que poderia resolver os problemas de fome, saúde e educação ao redor do mundo.

Nos EUA, o país mais rico do mundo (produz algo em torno de 25% a 30% do que o mundo produz), milhares de pessoas são expulsas de suas casas e as favelas de barracos de lona, de hotéis baratos, de trailers, de carros, multiplicam-se. Lá, demite-se, por mês, uma média superior a 600 mil trabalhadores. O mesmo número da Europa. Na China, onde as estatísticas não são confiáveis (quando divulgadas), é possível que as demissões tenham chegado à casa de milhões e milhões. Os que terminam a universidade neste ano estão sem perspectiva de emprego. E frente à crise, o que propõem os governos, os partidos, os analistas de plantão, os economistas? Todos estão de acordo no central: “regulamentar o mercado financeiro”, salvar os bancos ou estatizá-los, retomar o crédito.

O grande problema é que a crise tem outra origem: o sistema capitalista produz mais que o mercado capitalista pode absorver, pode comprar. A crise já se arrasta há algum tempo. A queda da URSS e a destruição de milhões de empregos, a destruição de todo um sistema, as privatizações e o aumento da expectativa de vida em mais de 20 anos no início dos anos 1990 conseguiu dar um fôlego ao regime. O crescimento do crédito e junto com ele (como sua consequência necessária) dos derivativos que atingem um valor 10 a 12 vezes maior que a

produção mundial (um verdadeiro capital fictício, não existente, mas contabilizado) permitiu que a crise fosse adiada mais uma vez no início do século XXI (ano 2000). Mas, agora, ela chegou para ficar e os trabalhadores sofrem no mundo inteiro. Sim, nós não queremos pagar pela crise, mas já estamos pagando – e caro – por ela.

### **A crise só concentra ainda mais o Capital**

Se a classe trabalhadora não se organiza a ponto de transformar o modelo socioeconômico vigente, o capitalismo acaba se reorganizando, continuando sua história de exploração e morte. Cada crise é uma nova oportunidade para que ocorra maior concentração de capital.

Com a destruição das forças produtivas, a tendência é que diminua a concorrência, fortalecendo ainda mais alguns enormes conglomerados empresariais. Veja o caso de Itau e Unibanco ou Sadia e Perdigão, no Brasil. A fusão de grandes companhias leva ao fechamento de milhares de postos de trabalho, jogando na rua da amargura milhares de pais e mães de família.

Portanto, cedo ou tarde essa crise vai passar, mas os postos de trabalho perdidos dificilmente serão reconquistados. Já a diferença de classes se acentua de forma imensurável.

## **UMA CONJUNTURA QUE REAFIRMA O SOCIALISMO**



O capitalismo não pode evitar as crises e, nos marcos desse sistema de exploração e opressão humana, as saídas para perturbações econômicas da espécie atual não são progressistas, bastando lembrar a este respeito que a depressão americana que atravessou os anos 1930 desembocou, em 1939, na 2ª Guerra Mundial. É hora, portanto, de revigorar a propaganda do socialismo. A CONTEE contempla entre seus princípios e objetivos estratégicos a luta pelo socialismo; uma bandeira que também está estreitamente associada à luta pela paz e contra o imperialismo, por uma nova ordem econômica e política mundial, baseada na solidariedade, no respeito à autodeterminação das nações e na solução pacífica dos conflitos entre os povos.

A crise do capitalismo não é apenas econômica, é também uma crise ideológica. Presenciamos a desmoralização e, quem sabe, a derrota do neoliberalismo no plano das ideias, mas isso não é necessariamente uma verdade no plano político. A suposição de que o mercado é dotado de racionalidade e capacidade intrínseca de auto-regulação revelou-se falsa, foi desmentida pelos fatos. A história está dando razão aos críticos do capitalismo. Isso não significa que as classes dominantes e as potências imperialistas abrirão mão dos seus interesses e entregarão de mãos beijadas o poder. Para transformar a derrota ideológica do neoliberalismo em vitória política das classes trabalhadoras e seus aliados, será imprescindível muita mobilização e luta para alterar a correlação de forças, que ainda hoje é francamente favorável ao capital.

Nas atuais circunstâncias, cresce também a necessidade de reforçar os laços de solidariedade internacional entre os trabalhadores e trabalhadoras. Nesse caminho, a CONTEE deve contribuir para o fortalecimento e ampliação da unidade no campo mais avançado e progressista do movimento sindical mundial. A

CONTEE deve também se solidarizar aos assalariados de todo o mundo que estão sofrendo os efeitos da crise capitalista, denunciar e repudiar a xenofobia e a discriminação de imigrantes, cobrar respeito e proteção social aos brasileiros de kassegus no Japão.

## CONJUNTURA NACIONAL

Embora em melhor situação que noutros momentos da história, ancorada em reservas superiores a US\$ 200 bilhões, a economia brasileira não ficou à margem da recessão exportada pelos EUA. O ciclo de expansão do PIB chegou ao auge no primeiro semestre de 2008 (com a taxa de crescimento alcançando 6% e o emprego formal evoluindo em ritmo compatível), mas foi subitamente interrompido no último trimestre do ano, quando a produção encolheu 3,8% e as empresas começaram a demitir.

Os patrões intensificaram sua ofensiva contra as classes trabalhadoras, pretextando dificuldades reais ou artificiais para impor acordos com redução de salários e flexibilização de direitos, além de dispensas arbitrárias que resultaram na destruição de centenas de milhares de postos de trabalho na cidade e no campo e elevação da taxa de desemprego. O clima das campanhas salariais em 2009 ficou nublado para os sindicatos. As modestas conquistas obtidas nos últimos anos, incluindo aumentos reais que infelizmente não acompanharam o avanço da produtividade do trabalho e, no caso do setor privado de ensino, não acompanharam as altíssimas taxas de lucro, estão agora sob ameaça.

O governo Lula não seguiu as políticas que tradicionalmente eram impostas ao Brasil e à América Latina em momentos como este. Desprezou as dietas recessivas do FMI e, em vez de arrocho fiscal, ampliou os gastos e investimentos públicos, manteve o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), pressionou pela redução (ainda que tímida) dos juros básicos, assim como do “spread” bancário, sem, nesse caso, alcançar o resultado necessário, lançou um programa de habitação popular (com a meta de produzir 1 milhão de novas residências), fortaleceu os bancos públicos, buscou ampliar o crédito e adotou outras medidas de estímulo à economia.

São iniciativas positivas, mas insuficientes para garantir o emprego e sustentar o crescimento. A política macroeconômica ainda mantém um forte viés neoliberal nas áreas monetária (com excessiva autonomia para o Banco Central, cujo presidente serve aos interesses da oligarquia financeira); fiscal (restringida pelo superávit requerido pelo pagamento de juros extorsivos), assim como câmbio e balanço de pagamentos (câmbio flutuante, liberalidade na remessa de lucros e fluxo de capitais). O governo também deixa a desejar quando não condiciona o socorro de linhas de crédito a empresas a contrapartidas sociais como a manutenção e ampliação do nível de emprego.

#### **DESTAQUE SINPRO NORTE**

#### **Os governos frente à crise**

Quando a Embraer demitiu trabalhadores, Lula lamentou. Recebeu o sindicato, recebeu a CUT, mas nada fez que impedisse a manutenção das demissões. O

governo Lula diz que é inconstitucional proibir uma empresa de demitir. O governo tem maioria no Congresso. Essa maioria já foi usada para, por exemplo, destruir a aposentadoria dos servidores, através de uma emenda constitucional. Então, por que ela não pode ser usada para garantir os direitos dos trabalhadores, a começar pelo seu emprego?

Lembremos da tentativa de regulamentação da Convenção 158 no Congresso. Não passou da primeira comissão, tendo sido arquivada de imediato, numa prova irrefutável de que o governo de coalizão com a burguesia só serve aos interesses da classe dominante.

Não há acordo possível entre duas classes com interesses antagônicos. A cada minuto o patronato quebra os contratos e não respeita o que foi acordado, como no 1º de abril (parece, mas não é mentira) a Peugeot demite trabalhadores um dia depois de ter sido anunciada a continuidade da redução do IPI para os automóveis com garantia de emprego para os trabalhadores.

E, no dia 1º de abril, o Ministro das Relações Institucionais declara:

**"Nós lamentamos. Essa questão de achar que demissão gera economia é uma coisa superada. Isso volta, deixa de ter consumo, cai a arrecadação. Aí o efeito vai além da conta. Lamentamos e estamos trabalhando em outras frentes para que esses postos de trabalho sejam compensados", afirmou José Múcio.**

Só que lamentos, tanto no caso da Embraer como no caso da Peugeot, não vão devolver os empregos. É necessário compreender o que está acontecendo e agir para mudar.

O editorial do Jornal Luta de Classes (jornal da Esquerda Marxista) nº 05, de setembro de 2007, sob o título **Lula, Mantega e o capitalismo num só país**, explicava:

*“Como previmos na Resolução Política da Conferência da Esquerda Marxista, em abril, a crise norte-americana começou com a explosão da bolha imobiliária e já atinge todo o mundo. Que ninguém se engane.*

*As declarações de Lula e Mantega garantindo a “blindagem” do Brasil por causa da enorme disponibilidade de dólares em caixa são apenas bobagens e discurso para tentar acalmar o mercado. Não há “capitalismo em um só país”. O capitalismo é um sistema mundial único e os EUA, ao mesmo tempo em que concentram em si toda a força, integram também em si mesmos todas as contradições e perigos da bancarrota deste sistema social miserável.”*

Foi a época da incrível frase “A crise é do Bush”. Na Assembleia Geral da ONU, segundo toda a imprensa, “Depois de ter acusado os países ricos de praticarem ‘populismo nacionalista’ e de ter dito que o sistema financeiro mundial investiu em uma ‘jogatina’ que resultou na atual turbulência econômica, Lula se despediu de Nova York e de sua temporada na Assembléia Geral da ONU, ‘decretando’ o fim da era neoliberal.” (BBC Brasil, 25/09/2008). A crítica ao dito “populismo nacionalista” (proteção de mercados nacionais) é de direita e de um adepto fanático do “livre mercado”, que nada mais é que latifúndio planetário sem porteiros para as multinacionais.

**Para os especuladores Lula é Nota 10!**

Mas, se tem razão sobre a “jogatina” do sistema financeiro mundial, o espantoso é que aqui ele fez exatamente a mesma coisa o tempo todo. E sustenta essa jogatina com os juros mais altos do mundo. O jornal Luta de Classes nº 9, abril/08, explica: “ ‘Foi apostando que o dólar ficaria barato contra o real que o maior investidor do mundo ficou ainda mais rico. O americano Warren Buffett passou os últimos seis anos comprando a moeda brasileira e anunciou, nesta sexta-feira (29), um lucro de R\$ 4 bilhões.’ (O Globo, 1/03/08). Seis anos de governo Lula em coalizão com os partidos capitalistas. ‘Os bancos estrangeiros lucraram R\$ 13,56 bilhões no Brasil em 2007 --uma alta de 160% sobre o ano anterior — em um momento que as matrizes vivem em estado de alerta por causa da recente crise financeira nos Estados Unidos’, informa a Folha de SP, em 22/03/08. Ou seja, o comandante do cassino tupiniquim é o próprio governo.”

Quando a violência da crise começou a se espalhar pelo mundo, Lula já não podia defender sua estranha concepção de economia. Então, em outubro de 2008, Lula e seus brilhantes assessores descobriram que o tsunami que varria o planeta chegaria ao Brasil só como uma “marolinha”. Mas, como o seguro morreu de velho, anuncia uma injeção de mais de R\$160 bilhões nos bancos e nas multinacionais, o dobro do orçamento federal para Saúde e Educação.

Depois Lula decretou o fim da crise declarando que “no Brasil, ao contrário dos outros países, não haverá recessão”. Então o IBGE divulgou que “A indústria brasileira registrou queda de 18,2% na produção no período de quatro meses, a partir dos resultados de outubro de 2008 a janeiro deste ano”. (Agência Estado, 06/03/2009).

### **Milhões de demitidos com o apoio do governo**

Só em dezembro foram perdidos 654 mil empregos. E as demissões continuaram sem que qualquer patrão desse a menor bola para as “análises” fantasiosas do governo Lula ou para seus patéticos apelos a que o povo “continue comprando para não parar a economia”. Os capitalistas são bem realistas.

A Embraer demitiu sumariamente 4.200 operários e Lula declarou estar indignado. Depois recebeu a diretoria da empresa e disse “compreender” a atitude. E o mais escandaloso é que a Embraer, privatizada, está sob controle de vários Fundos de Pensão que o governo controla, entre eles a PREVI (Banco do Brasil).

Lula também “compreendeu” que a Vale feche minas e demita 1.300 trabalhadores. A gestão da Vale está entregue ao Bradesco, mas o controle acionário da empresa está nas mãos dos fundos de pensão estatais, entre eles a Previ. Só a Previ detém 15% do capital total e 30% do capital votante da dessa empresa. Na Embraer ela tem 13% do capital total. A Previ lucrou com a Vale R\$873 milhões em 2008. Com a Embraer, lucrou R\$61 milhões no mesmo período.

### **A Dança do PIB**

Então, Mantega e Lula começaram a espalhar que o PIB brasileiro cresceria 4% em 2009. Agora em março o IBGE divulga uma queda de 3,6% do PIB brasileiro em dezembro de 2008. Enquanto todos começam a falar em PIB zero, o incrível Lula volta à carga e declara que não haverá recessão e que teremos PIB positivo em 2009. Seu conselheiro, Delfin Neto (ex-ministro da Agricultura e depois do Planejamento durante a ditadura militar), sai a campo dizendo que “O Brasil vai crescer 1,5 ou 2%”. Mas a verdade é que uma pesquisa da Confederação

Nacional da Indústria mostra que 54% das empresas já demitiram e 36% vão cortar mais. Ou seja, 90% das empresas do país! O banco Morgan Stanley previu, em 15/03/2009, que o PIB brasileiro em 2009 será negativo em 4,5%. Lula ironizou: “Esses bancos não acertam nem a situação deles”. E Lula, acerta?

## DESENVOLVIMENTO COM VALORIZAÇÃO DO TRABALHO

Historicamente a CONTEE defende a mobilização, resistência e luta das classes trabalhadoras em defesa do emprego, dos salários e dos direitos sociais. Lutamos contra a redução de salários e flexibilização de direitos e reivindicamos dos poderes públicos, especialmente do governo Lula, medidas urgentes em prol dos trabalhadores e da economia nacional. Participamos dos fóruns e Conferências da educação e incluímos nossa Confederação no rol das entidades com poder de influência nas políticas nacionais.

Com o intuito de elevar o protagonismo dos trabalhadores, a CONTEE deverá propor às Centrais a realização de um fórum, reunindo representantes das centrais, confederações, federações, sindicatos e respectivas bases e movimentos. O objetivo é definir uma agenda de ações e lutas conjuntas, bem como uma plataforma unitária das classes trabalhadoras, tendo em vista a disputa política e de projetos nas eleições de 2010.

O fracasso dos modelos neoliberais realça a necessidade de mudanças políticas e sociais mais profundas no Brasil e no mundo, trazendo à ordem do dia a luta por um novo projeto de desenvolvimento nacional, com soberania e valorização do trabalho.



Inequívoca também é a necessidade de imediata implementação de uma política educacional que dê sustentação ao desenvolvimento soberano.

A própria experiência histórica revela que a valorização do trabalho, além de responder a uma justa demanda social, é um caminho eficaz, do ponto de vista econômico, para fortalecer o mercado interno, expandindo o consumo das massas, estimulando o comércio e, por consequência, a produção. O aumento real do salário mínimo, associado ao Bolsa Família, a elevação do nível de emprego e da massa salarial não só contribuíram decisivamente para o crescimento do PIB nos últimos anos, como também suavizaram os efeitos da crise no Brasil. Algumas destas são medidas paliativas que não levam à superação desse modelo econômico que ainda privilegia a concentração de riquezas e o capital especulativo. A recessão aqui não é tão severa quanto nos EUA, Europa (especialmente os países do leste, atolados em dívidas externas) e Japão, graças ao fortalecimento do mercado doméstico propiciado pela valorização do trabalho, conforme reconhecem muitas autoridades e economistas.

Ao contrário do que supõe a ideologia neoliberal, que faz apologia da depreciação dos salários e direitos, as bandeiras do trabalho são, em si, bandeiras do desenvolvimento. O novo projeto de nação deve enfatizar o combate às desigualdades sociais e a todos os tipos de discriminação, assim como o respeito ao meio ambiente.

## **O ESTADO E AS REFORMAS ESTRUTURAIS**

A crise tem a virtude de realçar a necessidade de fortalecer o Estado nacional numa perspectiva popular, conferindo-lhe um novo papel, em oposição à falsa ideia de Estado mínimo neoliberal. É imperioso ampliar a regulação e o controle do chamado mercado, caminhar para a estatização do sistema financeiro, ampliar os gastos e investimentos públicos, priorizando obras de infra-estrutura, a educação e o SUS, criar novas estatais, universalizar os serviços e políticas públicas, os direitos sociais, os benefícios da Previdência, valorizar o funcionalismo, revogar a Lei de Responsabilidade Fiscal, acabar com a lógica do superávit primário e cortar substancialmente as despesas com juros.

Ao mesmo tempo em que batalha pelas reivindicações específicas das categorias que representa, a CONTEE deve apresentar propostas de políticas públicas para educação, previdência, saúde e trabalho, além de exigir mais verbas para atender às demandas sociais, o que também pressupõe maior intervenção do Estado na economia.

A necessidade de uma reforma educacional progressista, ancorada no ensino público e gratuito, não deve ser postergada. A educação desempenha um papel estratégico insubstituível no desenvolvimento das nações nos planos econômicos, político e ideológico. Reconhecendo esse papel, o projeto da CONTEE para a nação deve intensificar a histórica luta pela educação pública e gratuita de qualidade socialmente referenciada voltada para o interesse do povo em todos os níveis, combatendo a transformação da educação em mercadoria e lutando também por medidas específicas que visem à elevação do grau de escolaridade das classes trabalhadoras brasileiras em curto e médio prazo. A luta pela regulamentação do setor privado de ensino, subordinando o interesse privado ao público, deve continuar sem tréguas ou vacilações.

A educação e, especialmente, os investimentos em ciência, pesquisa e tecnologia, é que vão determinar o padrão relativo da produtividade do trabalho nacional e serão fundamentais para atualizar o aparelho produtivo, capacitando-o a acompanhar os avanços dos países que estão na fronteira do progresso técnico. O novo modelo de desenvolvimento deve promover a produção de bens e serviços de maior valor agregado e alto conteúdo tecnológico, o que não ocorrerá sem um sensível aumento dos investimentos (estatais, principalmente) em educação, ciência, tecnologia e pesquisas. Nesse sentido, o Estado também deve promover as condições para que os jovens possam ingressar no mercado do trabalho somente após a conclusão do ensino superior. O crescimento das forças produtivas na atualidade pressupõe, a cada dia mais, o desenvolvimento de sua componente mais dinâmica, a força de trabalho ou, em outras palavras, o desenvolvimento subjetivo, observando seu contexto cultural e desenvolvendo suas capacidades criativa e crítica, melhorando sua condição humana.

É fundamental avançar na reforma agrária, associada a medidas que assegurem educação, qualificação profissional, cultura, lazer, assistência técnica, desenvolvimento da agroindústria nos assentamentos e fortalecimento da agricultura familiar, bem como medidas para garantir a soberania alimentar e energética.

Cabe também salientar a necessidade de uma profunda reforma urbana, com ênfase no enfrentamento do déficit habitacional e construção de moradias populares, transportes públicos e eficientes; de uma reforma política democrática, sem cláusulas de barreira, com voto proporcional em lista partidária e financiamento público de campanha para coibir a corrupção e a influência deletéria do poder econômico; uma reforma tributária progressiva, fundada prioritariamente

sobre tributos diretos, imposto sobre as grandes fortunas, desoneração do trabalho e maior taxaço do capital e da grande propriedade rural, dos lucros financeiros e das remessas de lucros e dividendos ao exterior.

O pleno emprego deve ser transformado em meta do Estado nacional, compreendendo medidas emergenciais para combater o desemprego, inclusive abertura de frentes de trabalho ligadas a obras de infra-estrutura; a reduço constitucional da jornada de trabalho sem reduço de salários; o condicionamento dos favores públicos concedidos às empresas (fiscais, creditícios ou de outra natureza) a contrapartidas sociais como manutenção e ampliação do emprego e respeito aos direitos sociais.

Os capitalistas promovem demissões em massa (como na Embraer, entre outras empresas) com o único propósito de fazer reestruturações em defesa do próprio capital. A restrição das perversas práticas patronais nesse terreno passa pela ratificação e aplicação da Convenção 158 da OIT, a aprovação de lei complementar que garanta uma “relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa”, preconizada pela Constituição (Art. 7º, I), assim como a “proteção em face da automação” ((Art. 7º, XXVII) e a proibição imediata das demissões em massa. A luta para alcançar esses objetivos é prioritária.

Integra igualmente a agenda de valorização do trabalho, que compreende objetivos táticos e estratégicos, o fim do odioso fator previdenciário; a proibição da terceirização; a aprovação da lei de recuperação e aumento real permanente do salário mínimo.

O projeto de desenvolvimento com soberania e valorização do trabalho pode abrir caminho para transformações sociais ainda mais profundas na medida em que for conquistado, descortinando um horizonte anticapitalista e antiimperialista; um futuro socialista, sem opressão nacional, sem guerras, sem exploração de classes, sem discriminações, sem desemprego.

## **DESTAQUE SINPRO NORTE**

### **Estatização entra no cardápio?**

Lula disse, em 2003, aos trabalhadores da Cipla, que não podia salvar os empregos porque “estatização não está no cardápio”. Agora, vamos ver o que diz Lula em discurso na abertura de um Seminário Internacional sobre Desenvolvimento, realizado no dia 05/03/2009 em Brasília:

*“Será que os países ricos vão continuar apenas colocando dinheiro com o intuito de salvar os bancos ou será que algum país terá coragem de, sem medo da palavra, estatizar os bancos, recuperá-los e fazer voltar o crédito?”*

Essa declaração mostra que Lula está começando a preparar a situação para uma eventual correção de rumo. Mas, quando fala em estatizar, é para depois devolver os bancos saneados aos capitalistas assim que a ressaca passar. Para Lula, não se trata de uma ruptura com o capital, mas apenas de impedir que o edifício desmonte. É o que surge muito claramente de suas declarações sobre o que fazer na atual situação mundial. Este foi o centro de suas discussões com Obama em 14/03/2009, na Casa Branca.

Lula estava feliz porque EUA e Brasil acordaram de criar um grupo para apresentar uma proposta conjunta à reunião do G-20, em 2 de abril.

### **Tentando curar um monstro**

É incrível, entretanto, que alguém possa pensar a sério que vai realmente elaborar em conjunto com o governo dos Estados Unidos uma proposta para a crise. Essas propostas serão apenas as atuais propostas do governo imperialista de Obama, de uma pretensa “regulação internacional do mercado financeiro” e “mais transparência”. Ora, isso é só outra tentativa de semear ilusões e vender fantasias. O mercado financeiro capitalista é uma fonte inata e crônica de crimes e de trapagens. É só assim que criminosos e agiotas podem sobreviver, pouco importa se eles são legalizados ou marginais. É impossível esse mercado ser “transparente” por definição, pois seus ganhos fabulosos estão embutidos no controle de informações, na feitura de leis adequadas, na apropriação de recursos públicos, etc. Hoje, no mundo, esse mercado de papéis que não correspondem à riqueza real monta a 600 trilhões de dólares, enquanto o PIB mundial não passa de 60 trilhões. Como regular sem desmontar essa montanha de ficção?

O que Lula deveria compreender, se quisesse continuar fiel à sua própria classe, é que não há saída no capitalismo. Para avançar socialmente, é preciso libertar a sociedade do regime da propriedade privada dos meios de produção. É preciso romper com a colaboração de classe com a burguesia, expulsar os capitalistas do governo, apoiar-se na mobilização popular e atender às mais sentidas reivindicações populares. É preciso barrar as demissões, fazer a reforma agrária, estatizar os bancos, as multinacionais e grandes empresas, garantir Saúde e Educação pública para todos, revogar a reforma da Previdência, re-estatizar todas

as empresas e serviços privatizados. E só a organização socialista da luta de classes do proletariado pode fazer isso.

É hora de explicar aos trabalhadores que o capitalismo traz a guerra e o sofrimento como a nuvem traz a tempestade. Contra a anarquia e caos, contra as crises permanentes do regime da propriedade privada dos grandes meios de produção, contra as consequências de uma economia baseada na busca do lucro, a saída é a conquista de um regime baseado na propriedade coletiva e socialista. Um regime socialista com uma economia planificada segundo as necessidades e o interesse do povo trabalhador e controlada democraticamente pelos trabalhadores.

## **DESTAQUE SINPRO NORTE**

### **A marcha em direção à barbárie**

A juventude e a classe trabalhadora estarão confrontadas com a direção das suas organizações, que têm a obrigação e o dever de apresentar um caminho positivo de saída para a perigosa conjuntura atual. Na encruzilhada em que o planeta foi jogado pelo capital e suas crises cíclicas, mais do que nunca é preciso relembrar a célebre expressão de Rosa Luxemburgo de 1916: 'socialismo ou barbárie'.

Todos os discursos que defendem "crescimento com justiça social", "desenvolvimento sustentável" são falácias para enganar os trabalhadores. Como pode um dirigente da classe trabalhadora, em sã consciência, acreditar que é possível criar uma saída para os problemas sociais juntamente com a classe

empresarial? Acreditar que o capitalismo pode representar uma saída positiva para o conjunto da humanidade representa uma ingenuidade colossal ou uma adaptação perigosa ao sistema. É só prestar atenção aos discursos dos patrões. Há anos eles nos avisam que o desenvolvimento da nação só é possível com a flexibilização das leis trabalhistas. Eles falam o tempo todo no desenvolvimento do Capital, obviamente. Como pode a flexibilização das leis trabalhistas representar desenvolvimento para as condições de vida do povo trabalhador?

Propor à classe trabalhadora brasileira, como fazem em nossos dias os mais destacados dirigentes patronais em nível nacional, que ela deve aceitar que seus salários sejam reduzidos em nome da crise, não é um indício veemente da barbárie? A escalada de ataques aos dirigentes sindicais – com demissões aceitas pela justiça (vide caso dos metalúrgicos de Garuva e Itapoá, que tiveram toda a sua direção demitida pela poderosa Marcegaglia. Vide o caso de três dirigentes sindicais do SINPRONORTE, de Joinville, demitidos por suas escolas, numa clara perseguição política. Vide todos os casos semelhantes que se espalham pelo país.), não é indício de um fascismo organizado e regulamentado? Em toda a nação, líderes dos movimentos populares são presos e condenados. MST, CPT e outros tantos que o digam! É inegável o recrudescimento da criminalização dos movimentos sociais, com o aval do governo de coalizão. Recentemente, a polícia invadiu a USP para acabar com a greve de trabalhadores e estudantes. Isso não acontecia há mais de 30 anos.

No meio de toda essa confusão da convulsão capitalista, em agosto de 2009, reúne-se uma parcela importante da classe trabalhadora brasileira no VII CONATEE. Este é o palco em que as direções da Confederação devem eleger o socialismo como opção para a classe, afirmando categoricamente que o



capitalismo foi incapaz de resolver os problemas da humanidade e, muito menos, dos trabalhadores, das mulheres e dos jovens.

Lembremos: No mundo inteiro, as guerras e a fome tendem a se acirrar exatamente por causa da crise. Mas a crise também é a oportunidade para que a classe proletária, defendendo-se dos ataques, passe à ofensiva em defesa dos seus direitos, de suas reivindicações, do socialismo.

#### **DESTAQUE SINPRO NORTE**

##### **A defesa da CONTEE socialista, democrática e combativa**

O congresso é um momento privilegiado para que os sindicatos e federações possam refletir, com a base dos trabalhadores que estão nas escolas, quais as origens da crise que assola o mundo capitalista e a saída para os trabalhadores.

Uma das questões a reafirmar é a total independência da CONTEE com relação ao governo e aos partidos. Não há outra organização que possa substituir o legítimo movimento sindical brasileiro construído no segmento educacional privado e todas as reivindicações que encerra. A Confederação, suas federações e sindicatos são uma conquista da qual a classe trabalhadora não abrirá mão, pois os governos passam e os trabalhadores ficam, sempre precisando de emprego, salário, férias e décimo terceiro, até o dia em que, com o conjunto dos proletários, tomarão posse dos meios de produção para, por si mesmos, construir um novo destino: o socialismo.

##### **Um programa para a luta dos trabalhadores**

Há muito tempo lutamos pela regulamentação do setor privado de ensino, contra a comercialização dos estudantes, contra a concentração das escolas em grandes grupos privados – preocupados exclusivamente com a garantia do lucro de seus acionistas. A CONTEE realizou uma importante campanha sob o título “Educação não é mercadoria”. Objetivamente, porém, muito pouco se avançou. O “lobby” dos empresários da educação junto ao governo e ao Congresso tem obtido mais êxito que toda nossa pressão. Temos que aprender com a experiência. Um governo de coalizão com a burguesia é incapaz de atender, de fato, às reivindicações da classe trabalhadora.

A saída, ao que parece, está para além da participação nas “instâncias democráticas” oferecidas pelo Ministério da Educação. Na década de 1990, o governo neoliberal vetou vários artigos do PNE aprovados no Congresso. Por que agora o novo governo não pode derrubar os vetos do governo anterior? Por que nos integra em discussões sem fim, em Conferências, Fóruns e afins?

Não estamos defendendo uma solução simplista para os problemas. Apenas chamamos a atenção para possíveis armadilhas para as quais somos atraídos. Vejamos o caso da CONAE. O governo chama a Conferência Nacional da Educação às vésperas do fim do seu segundo mandato. Por que não o fez antes? Quem garante que suas diretrizes serão cumpridas, se a Conferência encerra em 2010, praticamente junto com as novas eleições? Quem vencer as próximas eleições estará comprometido com toda a discussão levantada nessa Conferência?

Outro fator a que devemos prestar atenção é no comportamento da classe patronal. Em Santa Catarina, por exemplo, o SINEPE (Sindicato das Escolas)

desdenha da CONAE, preferindo fazer o combate no Congresso Nacional, sabendo que aquele terreno é facilmente corrompido pela burguesia.

**Além daquelas já arroladas acima, propomos:**

- Apoio às políticas de integração da América Latina e Caribe que visem à soberania e à emancipação dos povos.
- Repúdio e denúncia à intervenção imperialista na América Latina e Caribe, exigindo a retirada da IV Frota e a efetiva condenação do golpe em Honduras.
- Retirada das tropas brasileiras do Haiti!
- A defesa da garantia de emprego e proibição de demissões sem justa causa.
- Fim do superávit primário e revogação da LRF, com ampliação dos investimentos em obras de infraestrutura e em políticas sociais.
- Ampliação e fortalecimento da Previdência Pública e Solidária, com o fim do Fator Previdenciário.
- Restituição à nação do que foi privatizado, com a reestatização da Vale, da Embraer e readmissão dos demitidos!
- Anulação dos leilões do petróleo e garantia de que a riqueza do Pré-Sal não seja entregue às multinacionais e apoio à campanha da FUP por uma Petrobras 100% Estatal.
- Mais avanços na Reforma Agrária, em unidade com o MST e outros movimentos, na cobrança de assentamentos e de crédito para a pequena agricultura familiar com atualização do índice de produtividade e limite de propriedade de terras.
- Controle da remessa de lucros das multinacionais e da fuga de capitais

- Auditoria da Dívida Pública (externa e interna), como fazem Equador, Bolívia, Venezuela e Paraguai.
- Fim do fator previdenciário.
- Garantia imediata do direito à licença-maternidade de 6 meses a todas as trabalhadoras do país.
- Redução da jornada de trabalho de 44 para 40h semanais, sem redução de salário.
- Garantia de implantação e avanços no Plano de Cargos, Carreira e Salários no setor privado de ensino.
- Impedimento à desnacionalização da educação.
- Mudança no IRPF, com base nos estudos do IPEA.
- Reforma tributária progressiva, fundada prioritariamente sobre tributos diretos, imposto sobre as grandes fortunas, desoneração do trabalho e maior taxaço do capital e da grande propriedade rural, dos lucros financeiros e das remessas de lucros e dividendos ao exterior.
- Fortalecimento da CEA e da CPLP-SE.
- Filiação à FISE, à IE e a outras organizações educacionais internacionais que lutem pela emancipação dos povos e por uma educação socialmente referenciada.

**DESTAQUE SINPRO NORTE**

### **Nossos compromissos de luta para o próximo período**

Para ser fiel à classe que representa, na busca pela superação dessa sociedade dividida em classes sociais e baseada na propriedade privada e na exploração do homem pelo homem, a CONTEE deve lutar:

- Pela reestatização da Petrobrás, Embraer, Vale do Rio Doce e todas as empresas privatizadas;

- Pela estatização das fábricas quebradas pelos patrões e ocupadas pelos trabalhadores;

- Pela Reforma Agrária ampla e urgente e pelo fim do latifúndio;

- Contra o destino de dinheiro público para empresas e bancos privados;

- Contra as demissões, pela estatização das empresas que ameacem demitir;

- Pela regulamentação urgente da Convenção 158 da OIT, contra as demissões imotivadas;

- Contra a privatização da Amazônia, contra a regulamentação da grilagem e pela defesa do meio ambiente;

- Contra os pedágios nas rodovias: fim das praças onde já existam e sem instalação de novas praças;

- Contra o racismo e o racialismo – pela derrubada das Leis raciais, como o pretenso “Estatuto da Igualdade Racial”, que pretende dividir o povo brasileiro

artificialmente em “raças”. Já vimos em Ruanda, EUA e outros lugares o desastre causado por iniciativas como esta;

- Contra a criminalização dos movimentos sociais e estudantis e dos dirigentes da classe trabalhadora em luta pelas reivindicações da classe;

- Pela retirada das tropas brasileiras do Haiti. Defesa da soberania e da autodeterminação do povo haitiano;

- Pela defesa da CUT independente e de luta em defesa da classe trabalhadora;

- Pela imediata implementação do Piso Salarial Profissional Nacional (Lei 11.738/08) na rede pública de ensino, com a garantia de 1/3 de hora-atividade;

- Pela redução da jornada de trabalho de 44 para 40h semanais, sem redução de salário;

- Pela garantia imediata do direito à licença-maternidade de 6 meses a todas as trabalhadoras do país;

- Pela derrubada dos vetos ao PNE, em especial no que tange à garantia de 7% do PIB para financiamento da educação, com vistas a elevar esse índice para 10%.

- Pela defesa do direito de acesso de todos ao ensino público estatal laico, gratuito e de qualidade em todos os níveis;

- Pela derrubada do fator previdenciário;

No campo específico da categoria que representa, a dos trabalhadores em educação do setor privado, a CONTEE deve lutar:

- Pela proibição imediata de ingresso de capital internacional para investimento no setor educacional;
- Pela proibição imediata da negociação das ações de empresas com atividade de ensino na Bolsa de Valores;
- Pela extensão da Lei 11.738/08 ao setor privado de ensino do país;
- Pela regulamentação do setor privado de ensino, com garantia de fiscalização por parte do Estado, intervenção e cancelamento da concessão aos empresários que não se adequem aos padrões de qualidade brasileiros;
- Contra a interferência de organismos internacionais nos rumos da educação nacional, contra o PREAL e todas as suas diretrizes;
- Pela garantia da formação continuada em serviço, custeada pela própria instituição de ensino;
- Pela obrigatoriedade de implantação de plano de carreira em cada instituição, que contemple gratificação por titulação, promoção vertical e horizontal e licença remunerada para pós-graduação;
- Pela regulamentação da contratação dos professores nos cursos a distância e cursos livres de maneira geral, pondo fim às distorções de nomenclaturas como “tutor”, “instrutor” e afins.

## Moções

- Moção de apoio ao povo hondurenho, contra o golpe orquestrado pela burguesia daquele país;
- Moção de apoio ao Sindicato dos Metalúrgicos de Garuva e Itapoá (SC), pela reversão das demissões, pelo reconhecimento do sindicato no Ministério do Trabalho e pelo fim dos interditos proibitórios;
- Moção de apoio aos trabalhadores da fábrica ocupada Flaskô, em defesa da comissão eleita pelos trabalhadores, contra as liminares da justiça que tentam criminalizar os dirigentes operários pelas dívidas deixadas pelos patrões;
- Campanha em defesa do completo controle estatal sobre a Petrobrás, contra os leilões – “O Petróleo é nosso!”